

## Biocombustíveis

## Biomassa e paradigmas

Luiz Carlos Corrêa Carvalho\*

NOS TRÓPICOS, a intensa luminosidade é o elemento natural que gera um ambiente muito propício ao rápido crescimento das plantas, consumindo CO<sub>2</sub> para isso e produzindo uma massa verde abundante chamada biomassa. Formada por um complexo de carbono, hidrogênio e oxigênio (carboidratos), água em abundância, fibras, lipídeos e um grande número de vitaminas e sais minerais, a biomassa é a base da vida e, ao mesmo tempo, um imenso potencial de alimentos, energias, matéria-prima para produtos químicos e habitat natural de seres vivos.

As experiências agrônômicas com resultados extraordinários nos trópicos brasileiros, incorporando regiões até pouco tempo consideradas impróprias à agricultura, são, no entanto, a parte visível do grande *iceberg*, cujo volume submerso é bem maior. Talvez as intensas luzes que brilham nessa parte tenham escondido, por longo período, o volume submerso, bem maior, e cegado os olhos humanos.

Os esforços do homem na produção somente de alimentos em plantas de grãos ou no uso do caldo da cana-de-açúcar dominaram o foco das ações públicas e privadas até hoje. Nessa cegueira, transitamos os preconceitos e a visão dos debates do alimento *versus* energia, das limitações que países ricos querem colocar sobre o potencial produtivo de energia renovável do mundo tropical e da insana tentativa de trazer de volta as teses malthusianas enterradas na primeira revolução verde.

No mundo do *iceberg* que sobrenada, os preços dos alimentos, ou da energia, ou das fibras, ou dos subprodutos atuais são função do mercado, na lógica da oferta e demanda. Mas o que se vende como resultado da produção agrícola é o carbono e seus coadjuvantes, assim como no caso do petróleo, gás natural ou carvão mineral.



Na parte do *iceberg* que não se vê os custos são os do carbono, além da água e dos coadjuvantes, que são função dos preços do petróleo e dos custos incorridos para a sua produção.

Em recente estudo, Weber Porto, presidente da Evonik, calcula que, aos preços atuais do petróleo, o valor do carbono já estaria permitindo a competição dos açúcares da cana, em mercado. Com os preços do petróleo caminhando para US\$ 100 o barril, a competitividade do carbono da biomassa cana quase dobra em relação ao carbono do petróleo.

Feita a prova econômica, sem subsídios, na comparação de custos, o que falta ao mundo para, literalmente, abraçar a causa da biomassa, como fonte de produtos químicos derivados e energia, além de prover os alimentos humanos e animais? Por onde anda o senso de urgência requerido para, de fato, estancarmos ao nível global as emissões de gases de efeito estufa derivados do uso de fontes fósseis, numa imagem tão parecida com o microfato do vazamento do petróleo no Golfo do México?

A cadeia produtiva da biomassa é tão larga e abrangente, que é, de fato, a origem de tudo. Os preconceitos que derivam da cegueira erigem muros que, tão altos, explicam os deslaminhos. A força que leva o homem a buscar o produto fóssil em profundidades da altura de um Everest invertido é a mesma que mantém a fome, que procura ressuscitar teorias que a interessam, que enfraquece as organizações mundiais sociais e que insis-

te em temas como segurança alimentar, defendendo seus muros sob os conceitos ultrapassados e sem vida.

Atualmente, o novo foco é o questionamento sobre os biocombustíveis de primeira geração com a visão que somente as gerações que virão terão sustentabilidade! Por força do óbvio, aceitam o etanol da cana brasileira, mas sem expansão.

Esse etanol é 1/3 da biomassa energética da cana-de-açúcar atual. A geração da “cana-de-energia” fará com que o etanol produzido hoje seja somente 1/4 da sua biomassa. Os outros 2/3 ou 3/4 são o carbono que produzirá plásticos, remédios, vacinas, energias líquidas e energia elétrica, em desenvolvimento tecnológico já efetivado e com um potencial fantástico.

A aceleração desse mundo baseado na biomassa não acontece se os muros forem mantidos. A estupidéz dos muros, reais ou virtuais, é alimentada pelo preconceito, filho de uma relação entre um dogma e um interesse.

Não há separadamente a agricultura de alimento, em agronegócio ou familiar; não há a agricultura de energia ou a agricultura de frutas e das flores; não há a agricultura dos com terra ou sem-terra. Há a produção em toneladas de massa verde por unidade de área, na terra ou no mar, matéria-prima para tudo. E aí reside um fato: nos trópicos, luz, calor, água e terras abundantes são os fatos, o potencial. São o presente e o futuro. Capital e *know-how* não serão suficientes... Será preciso derrubar os preconceitos, internos e externos. Em crise, os deuses gregos estão sem tempo... Há que se chamar a Ceres! ■

\* Engenheiro Agrônomo, Diretor da Canaplan, Diretor de Relações com o Mercado das Usinas do Grupo Alto Alegre S.A., Diretor da Bioagência e Vice-Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (Abag)